
DA INOCÊNCIA À CONSCIÊNCIA – AMOR E CRÍTICA SOCIAL EM *ROMÃO E JULINHA*, DE OSCAR VON PFUHL

Osmar Pereira Oliva¹

RESUMO

Análise da peça de teatro *Romão e Julinha*, de Oscar Von Pfuhl. Próximo da fábula, esse texto de dramaturgia infantil apresenta ao leitor infanto-juvenil uma história de cunho político e moralizante. Este ensaio tem como objetivo discutir as reflexões sobre o amor, sobre o racismo e sobre a ociosidade por meio das representações de animais que simbolizam a luta de classes (o povo x os governantes) e as diferenças étnicas (o gato pardo mestiço e a gata branca “pura”). Metodologia: concepções de literatura infanto-juvenil de Sonia Salomão Khéde (org.) *Literatura infanto-juvenil – um gênero polêmico*; Fulvia Rosemberg. *Literatura infantil e ideologia* e Maria Helena Khühner (org.). *O teatro dito infantil*. Conclusões: conforme afirma Rosemberg, a literatura escrita para crianças pauta-se nos códigos de ética e de moral, e se apresenta como um texto que, ao mesmo tempo, educa, ensina e diverte muito.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil; teatro; moral; política.

ABSTRACT

Analysis of the play *Romão e Julinha*, by Oscar Von Pfuhl. Approaching a fable, this children's drama text introduces to the young reader a story with a political and moralizing tone. This text aims at discussing the reflections about love, racism and idleness through the representations of animals which symbolize the struggle between classes (the rulers x people) and ethnic differences (the brown mongrel cat and the white "pure" cat). Methodology: conceptions of children's literature by Sonia Solomon Kheda (ed.) *youth literature - a controversial genre*; Fulvia Rosemberg, *Children's literature and ideology* and Maria Helena Khühner (ed.), *The so-called children theater*. Conclusions: As Rosenberg says, the literature written for children is guided by codes of ethics and morality, and presents itself as a text which, at the same time, educates, teaches and entertains a lot.

Keywords: Youth literature, theater, moral; politics.

A literatura produzida para o leitor infantil pode ultrapassar os limites do lúdico e da fantasia e trazer importantes reflexões políticas, éticas e sociais para a formação da criança. De acordo com Sonia Salomão Khéde, a literatura infanto-juvenil continua a ser um

¹ Prof. Dr. da UNIMONTES, atuando na graduação e na pós-graduação. Doutor em Literatura Comparada (2002), pela UFMG, com pós-doutorado em Literatura Brasileira, pela UERJ, em 2007.

gênero polêmico, apesar de, na contemporaneidade, haver um esforço sistemático de recusa no sentido de classificar um texto quanto ao gênero, devido ao inegável hibridismo das formas literárias. Para essa autora: “A singularidade do gênero literário infanto-juvenil estaria justamente na sua indiscutível complexidade histórica, responsável, também, pelas inúmeras nuances ideológicas que entrecortam seus textos.” (KHÉDE, 1986, p. 9)

Se é verdade que os gêneros literários mesclam-se na escrita contemporânea, também é certo que um texto que se escreve apresentando como personagens animais está mais voltado para o leitor infanto-juvenil do que para o leitor adulto. A forma como o texto se distribui no espaço em branco da página também é significativo do forte apelo a determinado tipo de leitor. A estrutura rimada, por exemplo, e a narração realizada por meio de versos curtos e com uma linguagem ao mesmo tempo simples e lúdica chamam e prendem bem mais a atenção das crianças e dos adolescentes. Ainda assim, a constante componente política e reflexiva atravessa esse gênero literário (o infanto-juvenil), tornando-o um veículo pedagógico a serviço da ética e da moral.

Nesse sentido, não se pode esquecer aquele que se esconde por trás do texto escrito. Há uma ideologia veiculada no texto construído para crianças e adolescentes, a qual reflete o interesse do escritor em disseminar uma ideia, combater um preconceito, ensinar uma moral, semelhante as nossas velhas e boas histórias de fábulas. De acordo com Fulvia Rosemberg, “a sociedade é pensada e construída pelo adulto. Assim, a criança não existe, ela é um vir a ser. A criança é potencialidade e promessa.” (ROSEMBERG, (1984, p. 24-5). Na criação literária destinada ao leitor infanto-juvenil, as relações são, quase sempre, assimétricas e anacrônicas, pois a repartição do poder é desigual: há um adulto que escreve e ensina e uma criança que lê e aprende. Para Rosemberg, “o tempo de referência do escritor não é igual ao de vivência da criança” (ROSEMBERG, (1984, p. 26). A produção do livro infanto-juvenil amplia essa dicotomia, pois tanto escritores quanto ilustradores, diagramadores, capistas e editores são adultos. A criança é, portanto, um receptor relativamente passivo dessa engrenagem, se considerarmos que ela ocupa o lugar de

destino dessa produção, sem direito de manifestar sua opinião e de escolher temas e imagens a serem representados.

Em seu estudo, Rosemberg analisou 168 livros publicados no eixo Rio/São Paulo, Brasil, de 1950 a 1980, e considerou que o livro infanto-juvenil ensina e moraliza muito. Segundo essa autora: “A literatura à tese viceja em nossa amostra. [...] Praticamente todos os ensinamentos, contidos no mais completo código de ética universal, atuaram ou atuam como móvel para a produção de textos destinados à criança.” (ROSEMBERG, 1984, p. 59) Essa constatação é atual. Comumente, a literatura produzida para crianças e adolescentes elabora-se com teses de cunho político, ético ou moral, contendo ensinamentos diversos. O teor didático-pedagógico norteia, pois, essa produção. No entanto, problemas de ordem de apresentação do conteúdo (pela palavra, pela imagem, ou pela impressão) ainda são percebidos nesses livros. Para alcançar o propósito edificante, as tramas articulam representações do bem e do mal, do belo e do feio, numa perspectiva maniqueísta. A pedagogia do exemplo deve convencer o culpado de seus erros e exortá-lo às boas qualidades éticas e morais ou punir os infratores da ordem.

A peça de teatro *Romão e Julinha* (1996), de Oscar Von Pfuhl, no entanto, foge a essa tradição, se considerarmos que o autor resolve os conflitos encenados por meio da conciliação dos opositores, o que reforça a ideologia da convivência harmônica com as diferenças, para não usar outra expressão (política da tolerância), tão em voga na sociedade brasileira nos dias atuais. Ainda que a lição de moral esteja tão bem delineada na estória, o imaginário literário não é desprestigiado por Von Pfuhl, pois o próprio título da peça já denuncia a inventividade ficcional. No prefácio, o autor informa ao leitor que “esta é a história de uma guerra que não houve, mas quase houve, e na qual qualquer semelhança com *Romeu e Julieta* de Shakespeare, será levada em conta de mera coincidência, ou então fruto da imaginação do espectador.” (VON PFUHL, 1996, p.7) Por um lado, temos o diálogo com a dramaturgia inglesa, por outro lado, o diálogo se estabelece com as fábulas, uma vez que as personagens de Von Pfuhl são animais com as mesmas características desse gênero

literário – agem como pessoas, possuem sentimentos iguais aos que os humanos sentem e, ao final do enredo, traz-nos um ensinamento.

Internamente, no plano da estrutura, permanece o contraste, pois o imaginário das fábulas, das personagens que falam, pensam, sentem e agem como pessoas vivenciam problemas que não são, originalmente, problemas de crianças e, sim, de adultos. Os conflitos são de ordem política, econômica e social, além das dificuldades para que os namorados sejam felizes, portanto são questões mais pertinentes para gente grande. Na peça de Pfuhl, um dos conflitos refere-se aos governantes que não trabalham, mas vivem em seus palácios, comendo, bebendo e festejando, enquanto o restante da população trabalha, vive mal ou passa muitas necessidades. A criança sabe que a responsabilidade de manutenção do lar é dos pais, cabe a eles o trabalho, mas, ao ler essa peça de teatro, esse leitor-mirim aprende que ninguém deve ser explorado.

O relacionamento amoroso entre um gato pardo e uma gata branca é outro exemplo contrastante, pois casar e ter filhos não deve ser uma preocupação para a criança ou para o adolescente. Mesmo assim, o leitor infanto-juvenil é capaz de perceber, nesse enfrentamento de classes e de etnia, que o amor pode vencer as diferenças sociais e o preconceito de cor.

Outra informação relevante na peça *Romão e Julinha* é a complexidade narrativa, pois além do narrador geral que contextualiza a estória e explica as cenas e os atos, há outros dois narradores: Bufão e Trovador, que iniciam a apresentação da trama e a caracterização das personagens, o que dá um efeito polifônico à peça. No prólogo, Bufão procura estabelecer um pacto de leitura com o seu interlocutor:

Bom dia, gente amiga!
A vocês eu vou contar
Uma estória muito antiga,
Uma estória singular.

Era uma vez...
Um gato xadrez!
Querem que eu conte outra vez? (VON PFUHL, 1996, p. 8)

Trovador toma a voz para negar a versão iniciada pelo seu companheiro de narração, promovendo um diálogo interno. Esse recurso utilizado pelo dramaturgo atualiza o estatuto do narrador, o tão conhecido contador de histórias para as crianças, muito bem ilustrado pela personagem lobatiana Dona Benta ou pelas figuras reais dos avós. Nessas primeiras falas, já se percebe a forte tônica ideológica. Apresenta-se Julinha, filha do Rei Gato Branco, em um reino dividido pelo preconceito de cor: os gatos brancos, ociosos representantes da nobreza, e os gatos amarelos, pobres, mas hábeis pescadores:

Bufão –
Quem não pesca, passa fome.
Pois os gatos de cor branca,
Que eram condes e barões
Só pensavam em brincadeira,
Atirar com atiradeiras,
E dançar nos seus salões.

Trovador –
Os gatos de cor amarela,
Pescando de anzol ou na rede
Tinham sempre peixe à panela
Não passavam fome nem sede. (VON PFHUL, 1996, p. 9)

A estrutura dialógica se expande ao plano da enunciação, já que o texto constrói um jogo antitético: quem não pesca = os ricos, consequência, passam fome; os que pescam de anzol ou rede = os pobres, consequência, têm sempre peixe na panela. Os gatos brancos vivem no centro de gatópolis. São eles os detentores do poder, da dominação do espaço, enquanto os amarelos são expulsos para a periferia da cidade, vivendo escondidos, na escuridão, e sempre perseguidos. Os brancos apenas dançam e cantam. Portanto, não trabalham nem pescam, vivem uma vida de aparências e de constantes diversões. O leitor estabelece essa associação e é ensinado a valorizar o trabalho e a questionar a ociosidade. Pode refletir, ainda, sobre o lugar de pertencimento de cada um cidadão, o que faz cada pessoa e o espaço que ocupa segundo suas atividades.

Os gatos amarelos são os mestiços, os trabalhadores. São os pescadores. De fato, uma profissão não tão nobre. Mesmo na esfera do poder, o autor realiza uma outra crítica

política. Nos bastidores da realeza branca, um Ministro aproveita as festas para vender as suas atiradeiras, que, aliás, servem para atirar pedras nos gatos amarelos. Quando Romão é descoberto na festa dos gatos brancos, depois de ter sido atraído pela beleza da gatinha branca, o ministro aconselha o rei gato branco a declarar guerra aos gatos amarelos. Em sua opinião subversiva, falta peixe para os nobres porque os gatos amarelos pescam todo o peixe e o armazena em seus estoques.

A guerra contra esses mestiços livraria o reino de suas “impurezas”, ao mesmo tempo que poderia se apropriar de seus depósitos de peixes. Hábil fabricante de atiradeiras, o Ministro vê a oportunidade de ganhar mais dinheiro, vendendo-as aos gatos brancos. Mas age traiçoeiramente, passando a informação sigilosa da guerra forjada entre os gatos brancos, vendendo atiradeiras também aos seus inimigos, os gatos amarelos. O ministro caracteriza, pois, o tipo de político que atira para todos os lados, visando apenas ao seu próprio benefício. Ele é egoísta e ambicioso. O tom racista se apresenta em passagens da peça como as seguintes:

Rei – Ah, os gatos amarelos! Já expulsei esses malandros da cidade.

Ministro – Mas foram morar lá adiante. E continuam a pescar do mesmo jeito.

Rei – São uma verdadeira praga. Não valem nada.

Ministro – Vossa Majestade tem razão. Só os gatos brancos, como nós, é que são bons e valentes. (VON PFUHL, 1996, p. 14)

O tom agressivo da peça será amenizado pelo sucesso do amor. Von Pfuhl tentará resolver o problema ideológico da diferença de cor e da ociosidade X trabalho pelo acontecimento universal que une os desiguais – o sentimento amoroso. Quando o autor aproxima Romão de Julinha, põe em diálogo duas etnias diferentes, duas culturas em tudo opostas, como diz a gatinha branca:

Julinha (canta) –
Romão! Romão!
Querido Romão
O amor não vê
problemas de cor
Tu és amarelo

E eu branquinha sou,
Mas viverá
Nossa união
Meu pescador é teu meu coração. (VON PFUHL, 1996, p. 29)

Nessa passagem, nota-se a declaração apaixonada da gatinha branca, oriunda de uma família nobre e tão distante da realidade do seu amado gato pardo. Romão e seu amigo Amarildo entram no palácio mascarados, para um baile à fantasia oferecido pelo Rei. Lá, encontra-se e dança com Julinha, momento em que o autor da peça aproveita para problematizar um pouco mais as diferenças de cor e de classe social:

Julinha – Papai não gosta de gatos amarelos.
Romão – E você?
Julinha – Eu não me importo, mas ele não gosta.
Romão – Você acha que os gatos amarelos não prestam?
Julinha – Há gatos que são bons e outros que são ruins. Sejam brancos ou amarelos. (VON PFUHL, 1996, p. 20)

Como já prenunciamos na introdução a este texto, a peça traz algumas marcas do gênero fábula. Várias são as passagens de cunho moralizante, como esse acima citado. Não é a etnia nem a classe social que faz uma pessoa boa ou má, e sim as escolhas que cada um faz nas suas relações com o outro. Assim também é o amor de Romão e Julinha, que não aceita o impedimento pela diferença de cor.

A criança ou o adulto que lê a peça ou assiste a sua representação percebe claramente os ensinamentos contra a ociosidade, contra os preconceitos raciais e o respeito pelo diferente. Aprende-se mesmo que o mal não se paga com o mal; ao contrário, é importante dar uma oportunidade para que o infrator se reabilite para a vida social, como é o caso da condenação do Ministro pelo Rei. O ministro é descoberto em sua traição e é punido com o seu exílio de Gatópolis. Mas Romão interfere em seu favor: primeiro, reconhecendo seu talento para a fabricação de atiradeiras, depois solicitando ao Rei que mude a pena, para que o ex-ministro utilize a sua habilidade para fabricar varas de anzol para todo o reino dos gatos.

Vimos, portanto, que o autor da peça resolve o impasse atendendo à expectativa de quase todos, personagens e seus leitores: o reino já não é mais dividido entre brancos e amarelos, pois Romão e Julinha fingem morrer durante a guerra das atiradeiras e, com isso, aproxima os gatos rivais, em nome do amor e da paz. Junta-se o que, inicialmente, seria o inconciliável, o nobre e o plebeu. Por outro lado, resolve-se o problema da fome naquele reino, já que tanto gatos amarelos quanto gatos brancos passariam a pescar mais, com as varas que seriam fabricadas pelo ministro infrator. Mesmo assim, não falamos de punição. Trata-se de uma conciliação e harmonia entre as diferenças, quando todos ganham em nome desse respeito mútuo. Antes de concluir a peça, o autor problematiza, mais uma vez, a questão da mestiçagem racial. Desta vez, porém, em tom menos sério, já que o conflito se resolvera:

Arabela – Estou pensando.

Rei – No quê?

Arabela – Nos gatinhos que vão nascer.

Rei – Que gatinhos?

Arabela – Se Julinha tem pêlo branco e Romão, pêlo amarelo, de que cor será o pêlo dos filhotes?

Rei – Eu não tinha pensado nisso. Serão brancos com listras amarelas?

Arabela – Ou amarelos com listras brancas? (Risos gerais)

Rei – Sabem de uma coisa? Não sendo gato xadrez, tá tudo legal. (VON PFUHL, 1996, p. 54-55)

O lúdico foi retomado, ao lado do conteúdo ideológico, mas, para a criança, ficou a mensagem de que o amor supera todas as barreiras, e a reflexão de que a guerra não é a solução para os conflitos sociais. O melhor caminho é o da intervenção, seja pelo diálogo aberto, na busca de alternativas, seja pelas ações imediatas, que modificam uma situação aparentemente sem soluções, como o provimento de alimento para todo o reino a partir do momento em que todos os gatos trabalhassem, independente de suas cores e origem de classe.

Finalizamos este breve ensaio, confirmando o que já apontou Rosemberg: a literatura produzida para crianças ensina e moraliza muito. E talvez seja essa uma das

características que identificam a literatura infanto-juvenil, a sua missão moralizante e educadora.

REFERÊNCIAS

KHÉDE, Sonia Salomão. (org.) **Literatura infanto-juvenil – um gênero polêmico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PFUHL, Oscar Von. **Romão e Julinha**. São Paulo: Global Editora, 1991.

ROSEMBERG, Fulvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global Editora, 1985.

KHÜHNER, Maria Helena (org.). **O teatro dito infantil**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2003.

Recebido: 30/06/2012

Aprovado: 30/11/2012